

Sobre *Feminismo para os 99%*

Joênia Wapichana

O século XXI será feminino.

Por enquanto, ainda é um século em que o patriarcalismo, a apartação e a desigualdade imperam. É um século de múltiplas crises: social, econômica, política, ética, ambiental, cultural, de identidade, de pertencimento, de escolha e de falta de escolhas. Mas o tamanho do problema, a soma das interações das crises múltiplas que assolam o planeta, não pode nos paralisar.

As autoras deste *Manifesto* consideram que o capitalismo está na base de todas essas crises. E para solucionar uma crise múltipla são necessárias múltiplas formas de enfrentamentos, próprias para cada local, cada cultura, cada situação. Embora cada avanço seja uma vitória, a chave é a coordenação dos esforços, a articulação das lutas, para que vitórias não se anulem.

Nem a direita nem as esquerdas respondem ao desafio das diversidades, sejam elas sociais, sejam naturais – sexuais, culturais, étnicas, de biomas, de aspirações ou visões de mundo. Precisamos ir além das dicotomias, de um mundo dividido em apenas duas opções.

As relações de poder precisam ser revistas, subvertidas, transformadas – sejam elas entre homens e mulheres, entre seres humanos de culturas e origens diferentes, entre seres humanos e o planeta, entre os donos do capital e dos meios de produção e os que entram com sua força de trabalho e de reprodução social, ou que trazem à humanidade cultura e criatividade. Assim, é fundamental um olhar específico de inclusão dos segmentos invisíveis nos espaços de poder – um olhar que abarque e seja abarcado pelos Povos Indígenas. O que queremos é um convívio sem dominante e nem dominado, com complementação e nunca exploração,

Sobre *Feminismo para os 99%*

Talíria Petrone

Nenhum momento poderia ser mais propício para o lançamento deste livro, escrito pelas companheiras Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. É um manifesto, uma provocação, um chamado à luta feminista anticapitalista, ecossocialista, antirracista, internacionalista. Este manifesto é um instrumento a serviço das lutas das mulheres que sofrem cotidianamente no corpo a barbárie que sustenta o capitalismo.

Da nossa radicalidade depende a própria sobrevivência e a dignidade dos 99% dos quais fazemos parte. Não nos calaremos. Temos lado. Não vamos arredar o pé das ruas.

Sobre *Feminismo para os 99%*

Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya, Nancy Fraser

O que nos dá coragem para embarcar neste projeto é a nova onda de ativismo feminista combativo. Este não é um feminismo corporativo, que se mostrou tão desastroso para as mulheres da classe trabalhadora, nem é o “feminismo de microcrédito”, que alega “empoderar” mulheres do Sul global ao emprestar-lhes montantes irrisórios de dinheiro. Em vez disso, o que nos traz esperança são as greves feministas feitas por mulheres em 2017 e 2018. São essas greves e os movimentos cada vez mais coordenados que estão se desenvolvendo em torno delas que inspiraram inicialmente – e agora corporificam – um feminismo para os 99%.

Cinzia Arruzza
Tithi Bhattacharya
Nancy Fraser

Feminismo para os 99%
Um manifesto

Tradução
Heci Regina Candiani



Para o coletivo Combahee River, que anteviu o percurso desde cedo, e para as grevistas feministas polonesas e argentinas, que estão abrindo novos caminhos hoje.

Sumário

Prefácio à edição brasileira Talíria Petrone

Encruzilhada

Tese 1: Uma nova onda feminista está reinventando a greve.

Tese 2: O feminismo liberal está falido. É hora de superá-lo.

Tese 3: Precisamos de um feminismo anticapitalista – um feminismo para os 99%.

Tese 4: Vivemos uma crise da sociedade como um todo – e sua causa originária é o capitalismo.

Tese 5: A opressão de gênero nas sociedades capitalistas está enraizada na subordinação da reprodução social à produção que visa ao lucro. Queremos subverter as coisas na direção certa.

Tese 6: A violência de gênero assume muitas formas, sempre enredadas nas relações sociais capitalistas. Prometemos combater todas elas.

Tese 7: O capitalismo tenta regular a sexualidade. Nós queremos libertá-la.

Tese 8: O capitalismo nasceu da violência racista e colonial. O feminismo para os 99% é antirracista e anti-imperialista.

Tese 9: Lutando para reverter a destruição da Terra pelo capital, o feminismo para os 99% é ecossocialista.

Tese 10: O capitalismo é incompatível com a verdadeira democracia e a paz. Nossa resposta é o internacionalismo feminista.

Tese 11: O feminismo para os 99% convoca todos os movimentos radicais a se unir em uma insurgência anticapitalista comum.

Posfácio

Começando pelo meio

Conceituando novamente o capitalismo e suas crises

O que é reprodução social?

Crise da reprodução social

A política do feminismo para os 99%

Sobre as autoras

Prefácio à edição brasileira

Talíria Petrone

A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. [...] Eu escrevia as peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: – É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra e meu cabelo rústico. [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

Carolina Maria de Jesus,
Quarto de despejo: diário de uma favelada

Carolina torna menos difícil a tarefa de escrever este prefácio em um momento que exige de nós, mulheres feministas e anticapitalistas, tanta responsabilidade. Mulher, negra, favelada, mãe de três filhos criados sem pai presente, como tantas mulheres brasileiras, Carolina foi uma das maiores escritoras do Brasil. No entanto, suas obras raramente são estudadas na escola, sua história raramente é contada e sua resistência é silenciada. Carolina é exemplo da urgência de reflexões, necessariamente articuladas, sobre raça, sexo, gênero e classe. Eu mesma conheci Carolina muito depois de formada professora, ao mesmo tempo que se deu a consolidação da minha identidade negra – que também chegou tão tardiamente. Carolina de Jesus diz muito de um feminismo

profundamente necessário. Mulheres como ela não podem ficar fora do nosso feminismo.

O feminismo é uma urgência no mundo. O feminismo é uma urgência na América Latina. O feminismo é uma urgência no Brasil. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa, acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas. E não é possível que nosso feminismo deixe corpos pelo caminho. Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não couber nela. É disso que trata este potente e necessário manifesto escrito por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. Da maioria das mulheres. Das 99%.

Nosso feminismo é sobre mulheres como Dona Nininha. Chefe de família, arrimo de filhos e netos, trabalhou a vida inteira como trabalhadora doméstica para construir a casa onde viveu com a família numa favela em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. A chuva fez desabar um trecho da escadaria de acesso ao morro e sua casa foi atingida pelos escombros, pela lama e pelo perigo de desmoronamento. Dona Nininha morreu de desgosto, com depressão, vinte quilos mais magra, cerca de um ano depois de ter lutado incessantemente por uma obra emergencial em sua comunidade, obra que nunca chegou a ver. Mulher, negra, favelada, Dona Nininha não suportou o desprezo do Estado por sua vida e a de seus familiares. Nosso feminismo não pode ignorar que no Brasil 34,5% da população urbana vive em assentamentos precários, sendo a maioria de mulheres e negras que estão à frente desses lares. Nosso feminismo precisa enfrentar a pobreza. A pobreza no Brasil é feminina e negra. O feminismo das 99% é anticapitalista.

Nosso feminismo é sobre mulheres como Joselita. No dia 28 de novembro de 2015, 111 balas foram disparadas por policiais em um único veículo. Cinco jovens foram assassinados na tragédia conhecida como Chacina de Costa Barros, ocorrida no subúrbio do Rio de Janeiro.

Pouco tempo depois, Joselita, mãe de Roberto, um dos jovens assassinados, faleceu com diagnóstico de anemia e pneumonia. Segundo a família, foi tristeza. Mulher, negra, pobre, mãe. Nosso feminismo não pode ignorar que no Brasil mais de 30 mil jovens são assassinados por ano. Mais de 70% deles são negros e pobres. As mães têm sua vida e alegria interrompidas. Nosso feminismo é necessariamente contra a militarização da vida e o genocídio dos corpos negros, filhos de mulheres negras, que tombam, em especial, pelas mãos do Estado. O feminismo das 99% é antirracista.

Nosso feminismo é sobre mulheres indígenas, caiçaras, camponesas, ribeirinhas, quilombolas e não pode ignorar que o Brasil é o país que mais assassina defensores de direitos humanos do mundo, em especial ligados à luta pelo território e pela justiça ambiental. Nosso feminismo anda de mãos dadas com mulheres como Sônia, atropelada por um caminhão madeireiro, no Maranhão, por lutar contra práticas ilegais de extração de madeira no território do seu povo. Segundo a Comissão Pastoral da Terra, 157 pessoas foram assassinadas nas últimas três décadas apenas no Estado do Maranhão em conflitos no campo. Nosso feminismo não pode prescindir de lutar pelo bem viver, pela justiça ecológica e pela superação da separação, que remete aos tempos coloniais no Sul global, entre homens, mulheres e natureza. No país em que a maior parte dos alimentos é envenenada, em que a soberania e saberes dos povos tradicionais são aniquilados, é preciso afirmar que nosso feminismo é indissociável da perspectiva ecológica do bem viver. O feminismo das 99% é ecossocialista.

Nosso feminismo é sobre Luana, mulher, negra, periférica e lésbica, espancada e morta porque se recusou a ser revistada por policiais homens, no Estado de São Paulo. É sobre as tantas transexuais e travestis assassinadas, a maioria negra, pobre, sem direito à vida, no país recorde de assassinatos de pessoas transexuais e onde se mata e estupra

“corretivamente” mulheres lésbicas e se nega o direito de bissexuais amarem. O feminismo das 99% é antiLGBTfóbico.

Nosso feminismo é sobre as trabalhadoras domésticas. Aqui no Brasil, apenas em 2015 os direitos básicos, como férias remuneradas, foram estendidos às trabalhadoras domésticas. No país que ainda tem “quartinho de empregada”, não é possível um feminismo que não enfrente radicalmente, frontalmente, a exploração daquelas, majoritariamente negras, que no silêncio dos lares ricos brasileiros experimentam no corpo uma nova forma de escravidão. O feminismo das 99% articula necessariamente raça e etnia, gênero e classe.

Este manifesto é carregado de necessárias provocações. Vivemos nos últimos anos uma nova primavera feminista, que exige que a gente se debruce sobre os rumos da nossa luta. Com quais mulheres os feminismos diversos dialogam? Que mulheres estão convencidas sobre a importância do feminismo? De que mulheres tratam os feminismos? Quais mulheres seguem ainda guetificadas e marginalizadas nos feminismos? O feminismo das 99% não prescinde desses questionamentos, justamente porque reconhece sua urgência.

E nosso feminismo só será mesmo urgente se for por inteiro palpável e real para a maioria das mulheres brasileiras e do mundo. Se for popular e verdadeiramente emancipador. Esse precisa ser um compromisso teórico, político e prático do feminismo para as 99%. Esse manifesto é um chamado para um feminismo vivo e pela vida, pela dignidade, pela felicidade da maioria das mulheres.

A formação da sociedade brasileira foi marcada por desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero que permanecem muito presentes. Nos mais de trezentos anos de escravidão, o predomínio de uma elite agrária, proprietária e branca como grupo social dominante produziu profundas violências para as mulheres e especialmente para as mulheres negras e indígenas. O patriarcalismo e a escravidão são constitutivos da

sociabilidade burguesa, possuindo expressões específicas em lugares como o Brasil e outros territórios colonizados.

A consolidação do sistema capitalista no mundo está imbricada com a invasão e a dominação dos territórios latino-americanos e a imposição ao mundo de um modelo de ser humano universal moderno que corresponde, na prática, ao homem, branco, patriarcal, heterossexual, cristão, proprietário. Um modelo que deixa de fora diversas faces e sujeitos, em especial as mulheres. O feminismo das 99% não se furta do esforço de romper com essa lógica colonizadora.

Até mesmo porque, mesmo com o fim histórico da colonização, esse modelo de “universalidade” persiste. Os grupos sociais que assumiram o poder nos processos de independência latino-americanos representavam, em geral, a minoria branca e proprietária da sociedade. Se o regime colonial foi rompido, não houve ruptura com as relações coloniais de poder. E por isso nosso feminismo também precisa questionar fortemente a concepção universalista de mulher.

Para as mulheres negras e indígenas, a realidade brasileira e latino-americana em geral é de segregação e marginalização. No Brasil, o avanço do agronegócio e do modelo extrativista da monocultura, somado a uma série de retrocessos na luta pela demarcação das terras indígenas e quilombolas, mostra a necessidade de o nosso feminismo incorporar a luta por um outro modelo de desenvolvimento que enfrente a predatória lógica produtivista e de expropriação da terra e do território de povos originários, tão parte do modelo colonial que sustenta o capitalismo. A lógica militarizada de vida que mata e encarcera corpos de homens e mulheres negros e pobres, a submissão de pessoas negras, em especial mulheres, aos trabalhos mais precários, à informalidade e à pobreza precisam ser enfrentadas pelo feminismo das 99%.

Este livro será para nós instrumento de resistência a tudo que nos explora e oprime. O capitalismo é a barbárie. Transforma tudo em mercadoria:

corpos, talentos, fé, trabalho, amor, desejos, mulheres. Não nos serve, por isso, o feminismo neoliberal que não tem como horizonte a superação, por exemplo, da exploração de trabalhadoras domésticas, de mulheres como Dona Nininha. Por isso, o feminismo das 99% é radicalmente anticapitalista. Do mesmo modo, é preciso reconhecer que muitas das formulações anticapitalistas não partem de uma classe trabalhadora concreta: mulher, negra, indígena, vivendo em territórios militarizados e com seus povos perseguidos.

Este manifesto chega às nossas mãos no momento de uma esticada crise do capitalismo que precisa ser mais debatida e mais bem compreendida em suas contradições. Pois é justamente nesta fase de crise que se acentuam a desigualdade e a concentração de renda, com os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Em todo o mundo, observa-se um giro do neoliberalismo para um novo período marcado por práticas de selvageria do mercado e de ascensão de governos comprometidos com a sanha desse projeto do capital de recuperação das antigas margens de lucro. O cenário da crise tem se mostrado propício à retomada de projetos políticos em diversos países, do primeiro mundo e periféricos, alinhados com um neofascismo a serviço do capital.

A urgência do feminismo para os 99% se potencializa neste momento de crise do capitalismo e ascensão internacional da extrema direita. O contexto internacional apresenta o avanço de um reacionarismo perigoso, que ganha força em países europeus como a França, em que Marine Le Pen, da Frente Nacional, teve relevância na campanha eleitoral no último ano. Nos Estados Unidos, o presidente eleito pelo Partido Republicano em 2016, Donald Trump, não faz quaisquer restrições em suas posições e declarações racistas, xenófobas, machistas. Na Argentina, o atual presidente Mauricio Macri, embora muito associado a uma direita mais liberal, tem fortes características xenófobas. No Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro e o crescimento de um setor de extrema direita,

que se apropria de desigualdades e opressões históricas, enraizadas no imaginário social, torna a luta feminista mais que necessária. (Nesse sentido, o caso do Brasil é emblemático: nas eleições de 2018, vira presidente um ex-militar apoiado pela indústria do armamento, igrejas fundamentalistas, latifundiários... E por um tal movimento integralista de ideário francamente nazifascista. O novo presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, assumiu com um discurso abertamente retrógrado, contra o “politicamente correto” e com medidas iniciais que ameaçam direta e concretamente mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência, animais e a floresta amazônica. No país onde são negras 70% das mais de 60 mil pessoas assassinadas por ano e onde pelo menos uma pessoa trans é assassinada por dia, Bolsonaro acaba de autorizar a compra de até quatro armas por indivíduo. Só nos primeiros 11 dias de 2019, foram assassinadas 33 mulheres no Brasil; somadas às 17 que sobreviveram a tentativas de feminicídio nesse mesmo período, dá uma média de 5 casos a cada 24 horas. O horizonte é sombriamente ameaçador e exige um novo patamar de organização da luta de resistência.)

Nosso feminismo das 99% é internacionalista.

Nenhum momento poderia ser mais propício para o lançamento deste livro, escrito pelas companheiras Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. É um manifesto, uma provocação, um chamado à luta feminista anticapitalista, ecossocialista, antirracista, internacionalista.

O feminismo que nos interessa é o feminismo comprometido com o direito à vida, com o bem viver, com a liberdade caracterizada pela responsabilidade com o outro e com a natureza. Porque nem todo feminismo serve a todas as mulheres, à humanidade, ao planeta. Precisamos avançar contra o feminismo do 1% que detém mais da metade da riqueza deste mundo às custas da exploração e da opressão da maioria.

Este manifesto é um instrumento a serviço das lutas das mulheres que sofrem cotidianamente no corpo a barbárie que sustenta o capitalismo. Da nossa radicalidade depende a própria sobrevivência e a dignidade dos 99% dos quais fazemos parte. Não nos calaremos. Temos lado. Não vamos arredar o pé das ruas.

Se este manifesto é planetário, como um dia foi o *Manifesto* de Marx e de Engels, também, como aquele, é revolucionário. Propõe as mulheres como protagonistas de uma luta pela derrubada do capitalismo para a ascensão de um modelo pautado pela igualdade entre gêneros, raça e classe.

Se este prefácio se inicia com uma homenagem à Carolina de Jesus, nada mais justo e bonito que termine em memória de Marielle Franco. Se estivesse viva, a feminista e vereadora do Rio de Janeiro, mulher, negra, socialista, que amava mulheres, favelada, que carregava no seu corpo esse feminismo que queremos e estamos construindo, seria, certamente, parte, com entusiasmo, deste documento. Marielle encarnava no seu corpo, na sua história e nas suas lutas as pautas desse movimento feminista das 99%, internacionalista, anticapitalista e antirracista. Em vida, Marielle nunca se ausentou de um ato feminista sequer contra os golpes políticos, contra os cortes de direitos, contra o genocídio negro, pela descriminalização do aborto, pela vida das mulheres. Não por acaso foi assassinada, com quatro tiros nesse corpo socialista e libertário, um ano antes do lançamento deste livro, em 14 de março de 2018. Embora as investigações ainda não tenham sido concluídas, é possível afirmar que tramaram e executaram o plano de sua morte, em conluio, políticos e agentes do Estado envolvidos em milícias para-estatais. Mataram o seu corpo. O seu espírito de luta, não.

E este livro, de certo modo, é um manifesto que honra Marielle e todas as mulheres que como ela têm ido às ruas para tentar salvar a humanidade e o planeta. Marielle sempre citava a mensagem ubuntu “eu

sou porque nós somos”. Essa frase tem tudo a ver com a luta a que nos convoca este manifesto: mulheres de todo o mundo, uni-vos!

UM MANIFESTO

Encruzilhada

Na primavera de 2018, a diretora de operações do Facebook, Sheryl Sandberg, disse ao mundo que “estariamos em uma situação muito melhor se metade dos países e das empresas fosse administrada por mulheres e metade de todos os lares fosse administrada por homens” e que “não deveríamos ficar satisfeitas até atingirmos esse objetivo”. Líder expoente do feminismo corporativo, Sandberg já havia obtido renome (e dinheiro) ao exortar mulheres executivas a “fazer acontecer” [*lean in*] em reuniões de diretoria. Na condição de ex-chefe de gabinete do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Larry Summers – homem que suprimiu a regulamentação a Wall Street –, ela não tinha receio de dar às mulheres o conselho de que o sucesso conquistado por meio de uma atitude firme no mundo dos negócios era o caminho mais fácil para a igualdade de gênero.

Naquela mesma primavera, uma combativa greve feminista parou a Espanha. Com a adesão de mais de 5 milhões de participantes à marcha, as organizadoras da *huelga feminista* de 24 horas exigiam “uma sociedade livre da opressão sexista, da exploração e da violência [...] por rebelião e luta contra a aliança entre o patriarcado e o capitalismo que nos quer obedientes, submissas e caladas”. Enquanto o sol se punha em Madri e Barcelona, as grevistas feministas anunciavam ao mundo: “Em 8 de março, cruzaremos os braços, interrompe[ndo] todas as atividades

produtivas e reprodutivas”, declarando que não “aceitariam condições de trabalho piores nem receber menos do que os homens pelo mesmo trabalho”.

Essas duas vozes representam vertentes opostas para o movimento feminista. De um lado, Sandberg e sua laia veem o feminismo como serviçal do capitalismo. Querem um mundo onde a tarefa de administrar a exploração no local de trabalho e a opressão no todo social seja compartilhada igualmente por homens e mulheres da classe dominante. Esta é uma visão notável da *dominação com oportunidades iguais*: aquela que pede que pessoas comuns, em nome do feminismo, sejam gratas por ser uma mulher, não um homem, a desmantelar seu sindicato, a ordenar que um *drone* mate seu pai ou sua mãe ou a trancar seus filhos em uma jaula na fronteira. Em nítida contraposição ao feminismo liberal de Sandberg, as organizadoras da *huelga feminista* insistem em *pôr fim ao capitalismo*: o sistema que cria o chefe, produz as fronteiras nacionais e fabrica os *drones* que as vigiam.

Confrontadas com essas duas visões de feminismo, nos encontramos em uma encruzilhada, e, dependendo de nossa escolha, há dois horizontes para a humanidade. Um caminho conduz a um planeta arrasado, no qual a vida humana é depauperada a ponto de se tornar irreconhecível – se é que ela permanece possível. O outro aponta para um tipo de mundo que sempre figurou nos sonhos mais elevados: um mundo justo cuja riqueza e os recursos naturais sejam compartilhados por todos e onde a igualdade e a liberdade sejam premissas, não aspirações.

O contraste não poderia ser mais extremo. No entanto, o que torna a escolha urgente para nós neste momento é a ausência de qualquer caminho intermediário viável. Devemos a escassez de alternativas ao neoliberalismo: essa forma extremamente predatória e financeirizada do capitalismo que imperou mundo afora pelos últimos quarenta anos. Após ter envenenado a atmosfera, ridicularizado toda intenção de

governo democrático, distendido nossas capacidades sociais ao ponto de ruptura e piorado as condições de vida em geral para a vasta maioria das pessoas, essa versão do capitalismo ampliou as perdas de todas as lutas sociais, transformando esforços sensatos por reformas modestas em batalhas campais por sobrevivência. Sob tais condições, o tempo de ficar em cima do muro passou, e as feministas devem assumir uma posição: continuaremos a buscar “oportunidades iguais de dominação” enquanto o planeta queima? Ou vamos voltar a imaginar a justiça de gênero em um modelo anticapitalista – aquele que conduz para além da crise atual, para uma nova sociedade?

Este manifesto é um guia para o segundo caminho, uma rota que julgamos tanto necessária quanto factível. Um feminismo anticapitalista se tornou imaginável na atualidade, em parte porque, ao redor do mundo, a credibilidade política das elites está desmoronando. As perdas incluem não apenas os partidos de centro-esquerda e de centro-direita que promoveram o neoliberalismo – agora restos desprezados do que foram no passado –, mas também suas aliadas feministas ao estilo - Sandberg, cujo verniz “progressista” perdeu o brilho. O feminismo liberal enfrentou sua grande derrota na eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos, quando a tão alardeada candidatura de Hillary Clinton não conseguiu entusiasmar as eleitoras. E por um bom motivo: Clinton personificou a dissociação cada vez mais profunda entre a ascensão de mulheres da elite a altos cargos e as melhorias na vida da vasta maioria.

A derrota de Clinton é nosso sinal de alerta. Ao expor a falência do feminismo liberal, ela criou uma abertura para sua contestação pela esquerda. No vácuo produzido pelo declínio do liberalismo, temos a oportunidade de construir outro feminismo: um feminismo que traz uma definição diferente do que conta como questão feminista, uma orientação de classe diferente, um *éthos* diferente – radical e transformador.

Este manifesto é nossa iniciativa para promover esse “outro” feminismo. Não escrevemos para delinear uma utopia imaginada, mas para assinalar a via a ser percorrida a fim de alcançar uma sociedade justa. Nosso objetivo é explicar por que as feministas devem escolher o caminho das greves feministas, por que devemos nos unir a outros movimentos anticapitalistas e contrários ao sistema, por que nosso movimento deve se tornar um *feminismo para os 99%*. Apenas dessa forma – pela associação com ativistas antirracistas, ambientalistas e pelos direitos trabalhistas e de imigrantes – o feminismo pode se mostrar à altura dos desafios atuais. Pela rejeição decidida do dogma de “fazer acontecer” e do feminismo para o 1%, *nosso* feminismo pode se tornar um raio de esperança para todas as outras pessoas.

O que nos dá coragem para embarcar nesse projeto é a nova onda de ativismo feminista combativo. Este não é um feminismo corporativo, que se mostrou tão desastroso para as mulheres da classe trabalhadora e agora sofre uma hemorragia de credibilidade, nem é o “feminismo de microcrédito”, que alega “empoderar” mulheres do Sul global ao emprestar-lhes montantes irrisórios de dinheiro. Em vez disso, o que nos traz esperança são as greves feministas feitas por mulheres em 2017 e 2018. São essas greves e os movimentos cada vez mais coordenados que estão se desenvolvendo em torno delas que inspiraram inicialmente – e agora corporificam – um feminismo para os 99%.

Tese 1: Uma nova onda feminista está reinventando a greve.

O recente movimento grevista feminista começou na Polônia, em outubro de 2016, quando mais de 100 mil mulheres organizaram paralisações e marchas em oposição à proibição do aborto no país. No fim do mês, a ressurgência dessa recusa radical já havia atravessado o oceano e chegado à Argentina, onde mulheres grevistas enfrentaram o perverso assassinato de Lucía Pérez com o grito combativo “*Ni una menos*”, que logo se espalhou por países como Itália, Espanha, Brasil, Turquia, Peru, Estados Unidos, México, Chile e dezenas de outros. A partir das ruas, o movimento cresceu em locais de trabalho e escolas, tomando conta da indústria do entretenimento, da mídia e da política. Ao longo dos últimos dois anos, seus lemas repercutiram intensamente pelo globo: #NosotrasParamos, #WeStrike, #VivasNosQueremos, #NiUnaMenos, #TimesUp, #Feminism4the99. No início uma marola, depois uma onda, então uma enorme corrente: um novo movimento feminista global que pode adquirir força suficiente para romper alianças vigentes e alterar o mapa político.

O que havia sido uma série de ações nacionais se tornou um movimento transnacional em 8 de março de 2017, quando organizadoras de todo o globo decidiram entrar em greve juntas. Com esse golpe corajoso, elas politizaram novamente o Dia Internacional das Mulheres. Colocando de

lado as quinquilharias cafonas da despolitização – as flores, os cartões e as mensagens de felicitação –, as grevistas restabeleceram as raízes históricas quase esquecidas dessa data: a classe trabalhadora e o feminismo socialista. Suas ações evocam o espírito de mobilização das mulheres da classe trabalhadora do início do século XX – de forma pragmática, greves e manifestações em massa, na maioria conduzidas por mulheres imigrantes e judias nos Estados Unidos, que inspiraram as socialistas estadunidenses a organizar o primeiro Dia Nacional da Mulher e as socialistas alemãs Luise Zietz e Clara Zetkin a convocar um Dia Internacional das Mulheres da Classe Trabalhadora.

Reanimando aquele espírito combativo, as greves feministas de hoje estão recuperando nossas raízes nas lutas históricas pelos direitos da classe trabalhadora e pela justiça social. Unindo mulheres separadas por oceanos, montanhas e continentes, bem como por fronteiras, cercas de arame farpado e muros, elas dão um novo significado ao lema “Solidariedade é nossa arma”. Abrindo caminho em meio ao isolamento dos muros internos e simbólicos, as greves demonstram o enorme potencial político do poder das mulheres: *o poder daquelas cujo trabalho remunerado e não remunerado sustenta o mundo.*

Isso, no entanto, não é tudo: esse movimento emergente inventou *novas formas de greve* e impregnou o modelo da greve em si com um *novo tipo de política*. Ao conjugar a paralisação do trabalho com marchas, manifestações, fechamento de pequenos comércios, bloqueios e boicotes, o movimento está renovando o repertório de ações de greve, amplo no passado, mas drasticamente reduzido por uma ofensiva neoliberal de décadas de duração. Ao mesmo tempo, essa nova onda democratiza as greves e expande sua abrangência – acima de tudo, por ampliar a própria ideia do que é considerado “trabalho”. Recusando-se a limitar essa categoria ao trabalho assalariado, o ativismo das mulheres grevistas também bate em retirada do trabalho doméstico, do sexo e dos sorrisos.

Ao tornar visível *o papel indispensável desempenhado pelo trabalho determinado pelo gênero e não remunerado na sociedade capitalista*, esse ativismo chama atenção para atividades das quais o capital se beneficia, mas pelas quais não paga. E, no que diz respeito a trabalho remunerado, as grevistas adotam uma visão abrangente sobre o que é considerado questão trabalhista. Longe de se concentrar apenas em salários e jornadas, elas também têm como alvo o assédio e a agressão sexual, as barreiras à justiça reprodutiva e a repressão ao direito de greve.

Como consequência, a nova onda feminista tem potencial para superar a oposição obstinada e dissociadora entre “política identitária” e “política de classe”. Desvelando a unidade entre “local de trabalho” e “vida privada”, essa onda se recusa a limitar suas lutas a um desses espaços. E, ao redefinir o que é considerado “trabalho” e quem é considerado “trabalhador”, rejeita a subvalorização estrutural do trabalho – tanto remunerado como não remunerado – das mulheres no capitalismo. No geral, o feminismo das grevistas antecipa a possibilidade de uma fase nova e sem precedentes da luta de classes: feminista, internacionalista, ambientalista e antirracista.

Essa intervenção é oportuna. A militância das mulheres grevistas irrompeu em um momento em que sindicatos anteriormente poderosos, baseados na produção fabril, foram bastante enfraquecidos. Para revitalizar a luta de classes, as ativistas se voltaram para outra arena: a agressão neoliberal ao sistema de saúde, à educação, às pensões e à habitação. Ao atingir essa outra ponta das quatro décadas de ataque do capital contra as condições de vida da classe trabalhadora e da classe média, elas exercitaram suas visões sobre trabalhos e serviços que são necessários para sustentar seres humanos e comunidades sociais. É aqui, na esfera da “reprodução social”, que hoje encontramos muitas das mais combativas greves e resistências. Da onda grevista de professoras e professores nos Estados Unidos à luta contra a privatização da água na

Irlanda e às greves de *dalits* coletores e coletoras de lixo na Índia – todas conduzidas e impulsionadas por mulheres –, a classe trabalhadora está se revoltando contra o ataque do capital à reprodução social. Embora não formalmente afiliadas ao movimento da Greve Internacional de Mulheres, essas greves têm muito em comum com ele. Também elas valorizam o trabalho necessário para reproduzir nossa vida ao mesmo tempo que se opõem a sua exploração; também elas combinam reivindicações salariais e relativas aos locais de trabalho com reivindicações de aumento de gastos públicos em serviços sociais.

Além disso, em países como Argentina, Espanha e Itália, o feminismo da greve de mulheres atraiu um amplo apoio de forças que se opõem à austeridade. Não apenas mulheres e pessoas que não se alinham à conformidade de gênero, mas também homens, se uniram às grandes manifestações do movimento contra a retirada de fundos para escolas, saúde pública, habitação, transporte e proteções ambientais. Assim, por meio da oposição ao ataque do capital financeiro a esses “bens públicos”, as greves feministas estão se tornando o catalisador e o modelo para iniciativas abrangentes a defender nossas comunidades.

Em resumo, a nova onda de ativismo feminista combativo está redescobrando a ideia do impossível, reivindicando tanto pão como rosas: o pão que décadas de neoliberalismo tiraram de nossas mesas, mas também a beleza que nutre nosso espírito por meio da euforia da rebelião.

Tese 2: O feminismo liberal está falido. É hora de superá-lo.

A grande mídia continua a equiparar o *feminismo*, em si, com o *feminismo liberal*. Longe de oferecer uma solução, contudo, o feminismo liberal é parte do problema. Centrado no Norte global, entre a camada gerencial-profissional, ele está voltado para a “imposição” e a “quebra do telhado de vidro”. Dedicado a permitir que um pequeno número de mulheres privilegiadas escale a hierarquia corporativa e os escalões das Forças Armadas, esse feminismo propõe uma visão de igualdade baseada no mercado, que se harmoniza perfeitamente com o entusiasmo corporativo vigente pela “diversidade”. Embora condene a “discriminação” e defenda a “liberdade de escolha”, o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é igualdade, mas meritocracia. Em vez de buscar abolir a hierarquia social, visa a “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas” para ascender ao topo. Ao tratar as mulheres como “grupo sub-representado”, suas proponentes buscam garantir que algumas poucas almas privilegiadas alcancem cargos e salários iguais aos dos homens *de sua própria classe*. Por definição, as principais beneficiárias são aquelas que já contam com consideráveis

vantagens sociais, culturais e econômicas. Todas as demais permanecem presas no porão.

Completamente compatível com a crescente desigualdade, o feminismo liberal terceiriza a opressão. Permite que mulheres em postos profissionais-gerenciais *façam acontecer* precisamente por possibilitar que elas *se apoiem* sobre mulheres imigrantes mal remuneradas a quem subcontratam para realizar o papel de cuidadoras e o trabalho doméstico. Insensível à classe e à etnia, esse feminismo vincula nossa causa ao elitismo e ao individualismo. Apresentando o feminismo como movimento “independente”, ele nos associa a políticas que prejudicam a maioria e nos isolam das lutas que se opõem a essas políticas. Em resumo, o feminismo liberal difama o feminismo.

O *éthos* do feminismo liberal encontra-se não apenas com as convenções corporativas, mas também com as correntes supostamente “transgressoras” da cultura neoliberal. Seu caso de amor com o avanço individual permeia igualmente o mundo das celebridades das mídias sociais, que também confunde feminismo com ascensão de mulheres enquanto indivíduos. Nesse mundo, o “feminismo” corre o risco de se tornar uma *hashtag* do momento e um veículo de autopromoção, menos aplicado a libertar a maioria do que a promover a minoria.

Então, em geral, o feminismo liberal oferece o alibi perfeito para o neoliberalismo. Ocultando políticas regressivas sob uma aura de emancipação, ele permite que as forças que sustentam o capital global retratem a si mesmas como “progressistas”. Aliado ao sistema financeiro global nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que oferece cobertura à islamofobia na Europa, este é o feminismo das fêmeas detentoras de poder: gurus corporativas que pregam o “faça acontecer”, burocratas do sexo feminino que impulsionam os ajustes estruturais e o microcrédito no Sul global, políticas profissionais que vestem terninhos e cobram cachês de seis dígitos para dar palestras para Wall Street.

Nossa resposta ao feminismo do *faça acontecer* é o feminismo *impeça que aconteça*. Não temos interesse em quebrar o telhado de vidro enquanto deixamos que a ampla maioria limpe os cacos. Longe de celebrar as CEOs que ocupam os escritórios mais luxuosos, queremos nos livrar de CEOs e de escritórios luxuosos.

Tese 3: Precisamos de um feminismo anticapitalista – um feminismo para os 99%.

O feminismo que temos em mente reconhece que deve responder a uma crise de proporções monumentais: padrões de vida em queda livre e desastre ecológico iminente; guerras desenfreadas e desapropriação intensificada; migrações em massa enfrentadas com arame farpado; racismo e xenofobia encorajados; e revogação de direitos – tanto sociais como políticos – duramente conquistados.

Aspiramos a enfrentar esses desafios. Evitando medidas parciais, o feminismo que vislumbramos tem como objetivo atacar as raízes capitalistas da barbárie metastática. Recusando-se a sacrificar o bem-estar da maioria a fim de proteger a liberdade da minoria, ele luta pelas necessidades e pelos direitos da maioria – das mulheres pobres e da classe trabalhadora, das mulheres racializadas e das migrantes, das mulheres *queer*, das trans e das mulheres com deficiência, das mulheres encorajadas a enxergar a si mesmas como integrantes da “classe média” enquanto o capital as explora. E isso não é tudo. Esse feminismo não se limita às “questões das mulheres” como tem sido tradicionalmente definido. Defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas, ele tem como objetivo se tornar uma fonte de esperança para a humanidade. É por isso que o chamamos *feminismo para os 99%*.